

UMA MULHER NA LINHA DE FRENTE

Data de aceite: 01/02/2024

Nathália Silva Nascimento

Estudante do 3º ano do Ensino Médio,
Colégio Adventista de Bragança Paulista -
CABP, Brasil

Gilberto José da Silva

Professor Orientador do Colégio
Adventista de Bragança Paulista - CABP,
Brasil

Rafael Augusto Valentim da Cruz Magdalena

Professor Coorientador Mestre do Colégio
Adventista de Bragança Paulista - CABP,
Brasil

RESUMO: Ao conduzir pesquisas e leituras para a execução do trabalho, foi aprofundado o entendimento sobre a notável história de Virgínia Portocarrero, uma enfermeira militar durante a Segunda Guerra Mundial. Sua trajetória ressoa na carreira contemporânea da Sargento Navarro, que enfrenta desafios semelhantes devido ao gênero. A exploração de estudos sobre a mente feminina, conduzidos por Miguelita e Marleide, destaca a conclusão de que as mulheres demonstram uma significativa capacidade mental em ambientes sob pressão. Esse atributo torna-se crucial

na enfermagem militar, uma profissão caracterizada por desafios extremos. Os estudos revelam que, ao atuar sob pressão, as mulheres exibem uma resiliência e foco mental excepcionais, sendo este um ponto de partida para reconhecer a importância das mulheres na área militar, especialmente na enfermagem, onde a pressão é constante. A história de Virgínia Portocarrero serve como inspiração, uma pioneira que desafiou normas sociais e contribuiu significativamente para o esforço de guerra. A trajetória contemporânea da Sargento Navarro reforça a necessidade contínua de superar estereótipos e promover a plena aceitação da mulher na enfermagem militar. Neste contexto, torna-se evidente que a acessibilidade e aceitação da mulher na enfermagem militar são imperativas. As mulheres não apenas têm a capacidade mental necessária, mas também trazem uma perspectiva única e uma abordagem compassiva a ambientes desafiadores. Este movimento em direção à aceitação plena da mulher na enfermagem militar não é apenas uma demanda atual, mas um fenômeno que se desdobra ao longo da história. Estamos testemunhando uma evolução constante, buscando o devido reconhecimento e espaço para as mulheres

nesse domínio crítico, onde a resiliência e habilidades mentais desempenham papéis preponderantes. Almejando uma inclusão mais significativa, estamos, de fato, moldando o futuro da enfermagem militar, abraçando a riqueza da contribuição feminina sob pressão e desafiando as limitações impostas pelo passado.

PALAVRAS-CHAVE: Desafios; Gênero; Enfermagem; Militar.

INTRODUÇÃO

O impulso para a elaboração desta pesquisa está intrinsecamente conectado aos antecedentes que moldaram minhas aspirações pessoais. Desde sempre, o desejo de ser enfermeira ocupou um lugar central em meus planos de vida. Essa inclinação ganhou ainda mais força por meio da inspiração contínua proporcionada por minha tia Marleide, uma figura emblemática na minha família que trilha uma carreira exemplar na enfermagem.

No entanto, um anseio latente por uma experiência mais desafiadora e atração pela vida militar sempre coexistiram em minha jornada. Foi a busca por uma síntese dessas paixões que me conduziu à alternativa de ser enfermeira militar. Anos de dedicação a essa profissão peculiar testemunham meu comprometimento com o propósito de servir de maneira única e significativa.

Ao longo dessa jornada, minhas pesquisas sobre o tema foram vastas, mas um dado específico capturou minha atenção de maneira singular: “A cada 400 alunos que ingressam na enfermagem militar, apenas 40 são mulheres.” Esse dado intrigante, considerando que aproximadamente 80% dos enfermeiros em ambientes hospitalares são mulheres, suscitou uma série de questionamentos.

A aparente disparidade na representação feminina na enfermagem militar em comparação com outros setores despertou meu interesse por compreender as barreiras e desafios enfrentados pelas mulheres que escolhem trilhar esse caminho específico. Afinal, em um campo onde a empatia, a resiliência e a habilidade de tomar decisões sob pressão são essenciais, a limitação do acesso para mulheres levanta questões pertinentes sobre igualdade de oportunidades.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS



Fonte: próprio autor

VIRGÍNIA MARIA DE NIEMEYER PORTOCARRERO

Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero nasceu em 1917 no Rio de Janeiro, estudou em um colégio católico e formou-se Bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Pedro II. Realizou posteriormente o curso de Aperfeiçoamento em Arte Decorativa na Escola Politécnica. Filha do General Tito Portocarrero, desde sua infância manteve contato com o mundo militar. Não podendo seguir a carreira que, até então, só admitia o ingresso de pessoas do sexo masculino, Virgínia Portocarrero resolveu inscrever-se no voluntariado para a Guerra em 1943, oportunidade surgida após a conclusão do Curso de Enfermagem Samaritana na Cruz Vermelha que iniciara em Belém do Pará, vindo a concluí-lo no Rio de Janeiro.



Figura 2: VIRGÍNIA PORTOCARRERO

Fonte: Base Arch Fiocrus

Virgínia Portocarrero foi uma mulher corajosa e determinada que enfrentou grandes desafios na área militar, especialmente por ser mulher. Em uma época em que as mulheres eram subestimadas e suas habilidades eram frequentemente questionadas, Virgínia persiste em seu objetivo de servir na enfermagem militar.

Desde o início, Virgínia enfrentou preconceitos e dificuldades. Muitos acreditavam que as mulheres não eram adequadas para o trabalho militar, especialmente em áreas de combate. Ela teve que provar repetidamente sua competência e habilidades, superando os estereótipos de gênero impostos pela sociedade.

Virgínia encontrou resistência e descrédito de colegas e superiores, mas isso não a impediu. Ela se dedicou aos estudos e treinamentos, buscando constantemente aprimorar suas habilidades como enfermeira militar. Sua determinação e paixão pela profissão a ajudaram a superar os obstáculos que encontrava pelo caminho.

Assim como Virgínia, muitas mulheres enfrentam desafios semelhantes na área militar nos dias de hoje. Ainda há preconceitos arraigados em relação à capacidade das mulheres de desempenhar funções consideradas tradicionalmente masculinas. Elas precisam provar constantemente seu valor e habilidades, muitas vezes enfrentando discriminação e falta de oportunidades.

Assim como Virgínia Portocarrero é hoje lembrada como um ícone na enfermagem militar, as mulheres que enfrentam preconceitos e dificuldades na área militar atualmente também deixarão um legado valioso. Seu trabalho árduo abrirá caminho para mais igualdade de oportunidades e reconhecimento, inspirando outras mulheres a seguirem seus passos e alcançarem seus objetivos na área militar.

A recuperação da trajetória da Virgínia Portocarrero está sendo realizada através da análise das fontes como fotos, cartas, bilhetes, canções e um diário riquíssimo em detalhes sobre o front, além de entrevistas concedidas pela mesma. Tais fontes estão localizadas no acervo da Casa de Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, no Rio de Janeiro. Em termos teóricos nossa análise é pautada nos conceitos de gênero, trajetória, biografia e memória.

O diário de guerra apresenta-se como uma fonte de grande importância analítica e rica em informações. Composto por folhas de anotações escritas durante a permanência da Virgínia no Teatro de Operações, e depois que retornou ao Brasil, reunindo documentos, fotos, cartas, bilhetes, transcrições de outras obras sobre a guerra no mesmo diário.

A ideia da elaboração de um Diário de Guerra surgiu do pai da Virgínia, que a orientou para mandar as folhas avulsas pelos doentes que retornavam ao Brasil a fim de que a censura militar não os retivesse. Além do diário com todo o seu variado conteúdo, algumas entrevistas concedidas pela Virgínia a pesquisadores da área de Enfermagem e de História da Saúde compõem o acervo da ex-enfermeira da FEB, ajudando-nos na tarefa de recuperação de sua trajetória ao passo que esclarece importantes fatos de sua infância e revelam através de seu discurso os motivos de sua entrada na Guerra.



Figura 3: DIÁRIO DE GUERRA

Fonte: Base Arch

Através da análise do acervo desta ex - enfermeira da FEB percebeu-se a importância do estudo e recuperação de sua trajetória para a melhor compreensão da história da FEB, revelando o mundo militar sob a ótica feminina. Em seu diário, Virgínia apresenta relatos do cotidiano do front, assim como uma descrição das relações com as colegas de profissão brasileiras e americanas e com os oficiais superiores e soldados, oferecendo indícios para a compreensão das relações de poder estabelecidas no interior da hierarquia militar. Tal análise está sendo realizada considerando as diferenças estabelecidas entre o papel conferido à mulher e ao homem e como essas relações de gênero se mantêm ou se modificam diante do contexto de guerra.

Virginia Maria de Niemeyer Portocarrero foi uma das líderes de enfermagem militares durante a Segunda Guerra Mundial. Na época, as mulheres enfrentavam desafios e preconceitos significativos, já que suas habilidades e contribuições não eram tão reconhecidas como as dos homens. No entanto, Virginia e outras enfermeiras militares desempenharam um papel crucial no cuidado e tratamento dos soldados feridos durante a guerra, demonstrando sua competência e coragem. Sua liderança e dedicação tornaram-se marcantes nesse contexto histórico.



Figura 4: Virgínia Portocarrero como oradora da turma na cerimônia de formatura das alunas do curso de Enfermeiras da Reserva do Exército

Fonte: Base Arch

Esses fatos mostram a importância e a coragem das mulheres que desafiaram os estereótipos e contribuíram para o esforço de guerra. A atuação de Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero como líder de enfermeiras militares durante esse período histórico é um exemplo marcante da determinação e do valor das mulheres na área militar.

Após sua saída do exército, ela criou um fundo chamado: “Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz”, onde o valor arrecadado é doado a instituições de enfermagem militares femininas, que funcionam até hoje.

Isso mostra o poder da história de Virgínia Portocarrero, que mesmo após a sua morte com 105 anos, a história dela ainda move gerações que desejam servir não somente na área de enfermagem, mas sim em outras áreas militares como mulher.

SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

A Segunda Guerra Mundial, desencadeada em 1939 e encerrada em 1945, foi um dos conflitos mais devastadores e abrangentes da história. Suas origens remontam ao período entre guerras, marcado por tensões políticas, econômicas e territoriais, especialmente na Europa.

O conflito teve início com a invasão da Polônia pela Alemanha nazista em setembro de 1939, seguida pela União Soviética. Este evento desencadeou uma resposta rápida do Reino Unido e da França, marcando o início formal da guerra na Europa. Rapidamente, a agressão alemã se expandiu, envolvendo países como Bélgica, Holanda e França, onde a estratégia militar alemã, conhecida como blitzkrieg, demonstrou sua eficácia com avanços rápidos e coordenados.

Enquanto isso, na Frente Oriental, a Alemanha invadiu a União Soviética em 1941, buscando lebensraum (espaço vital). Essa frente tornou-se um teatro crucial, com a Batalha

de Stalingrado em 1942-1943 marcando uma virada significativa em favor dos Aliados. A resistência soviética, aliada às duras condições climáticas, enfraqueceu consideravelmente o avanço alemão.

No Pacífico, o Japão, em sua busca por expansão territorial, atacou Pearl Harbor em dezembro de 1941, levando os Estados Unidos a entrarem no conflito. A guerra no Pacífico foi caracterizada por batalhas navais, como a Batalha de Midway, e pela estratégia dos Aliados de “island hopping” (pulando de ilha em ilha), buscando enfraquecer as defesas japonesas.

O Holocausto, perpetrado pelos nazistas, foi uma atrocidade incomparável, marcada pelo genocídio sistemático de milhões de judeus e outros grupos étnicos. Os julgamentos de Nuremberg, após a guerra, buscaram responsabilizar líderes nazistas pelos crimes de guerra.

Além dos conflitos militares, a guerra teve um impacto avassalador nas populações civis. Bombardeios aéreos destruíram cidades, e a ocupação de territórios resultou em privações e sofrimento. As condições extremas deixaram cicatrizes duradouras nas sociedades afetadas.

O término da guerra trouxe consigo a necessidade de reconstrução. O Plano Marshall, implementado pelos Estados Unidos, visava revitalizar as economias europeias devastadas. Surgiram organismos internacionais, como as Nações Unidas, com o objetivo de prevenir futuros conflitos globais.

A Segunda Guerra Mundial deixou um legado profundo, moldando a política, a sociedade e as relações internacionais. O conflito testemunhou a capacidade humana tanto para a destruição quanto para a resistência. Seus ensinamentos continuam a influenciar o cenário geopolítico e a busca constante por paz e cooperação global.

VIRGÍNIA E A GUERRA

Com o início da Segunda Guerra Mundial em 1939 o Brasil, inicialmente, manteve-se neutro em relação ao conflito. Porém, com o torpedeamento dos navios mercantes brasileiros e o ataque a Pearl Harbor em 1941, o país entrou na guerra declarando “solidariedade” aos Estados Unidos mediante garantia de reequipamento das Forças Armadas Brasileiras e apoio na defesa do país.

Segundo Luis Felipe da Silva Neves em sua dissertação de mestrado sobre a FEB “A Força Expedicionária Brasileira: uma perspectiva histórica”, o governo Vargas passou a organizar a defesa do território nacional, a ser articulado em um Corpo Expedicionário pelo Exército Brasileiro, devido à falta de um número de soldados suficientes e treinamento condizente com um combate daquelas proporções, devido ao contexto político interno brasileiro que vivia um regime ditatorial sem incentivo e organização efetiva da estrutura militar. (NEVES, 1992:74).



Figura 5: Alunas do Curso de Enfermagem de Emergência do Exército treinando

Fonte: Base Arch

Em 1943 foi criada a 1^o Divisão de Infantaria Expedicionária, parte do corpo da Força Expedicionária Brasileira que foi composta por unidades de artilharia, engenharia e saúde. Além dessa organização militar, houve também as iniciativas de mobilização civil para a guerra, entre as quais estava a convocação para o serviço de enfermagem voluntária. Essas iniciativas foram embasadas por um apelo patriótico utilizado por Getúlio Vargas como uma estratégia de alcance dos seus objetivos. (OLIVEIRA, 2007:45)

Sobre tal apelo patriótico Roney Cytrynowicz, doutor em história social pela USP, em artigo intitulado “A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial”, afirma que:

–“A utilização pelo governo Getúlio Vargas da enfermagem e das enfermeiras – enquanto profissão enquadrada pelo Estado e modelo de uma certa condição de mulher classe média e, em muitos casos, alta – constitui peça importante da mobilização das mulheres pelo Estado Novo e, já como enfermeiras da FEB e da FAB, representou uma persuasiva imagem de mobilização civil engendradora durante a Segunda Guerra Mundial no Brasil: a imagem da pátria-mãe, que estendia os cuidados (maternos) aos soldados no

front de guerra, aos filhos da pátria. Esta imagem, construída pelo Estado Novo, pretendia instituir a vivência da guerra, no front interno, como uma experiência coletiva que deveria unir todos os homens e mulheres, todos os brasileiros, sem quaisquer estratificações ou divisões sociais, conjugando mobilização para a guerra e adesão política ao Estado Novo. (CYTRYNOWICZ,2000:2)”

Essa mobilização civil foi divulgada pela imprensa da época e, no caso das enfermeiras, no Jornal “O Globo” do dia 9 de outubro de 1943, através do qual Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero teve acesso à informação e se inscreveu, sem o conhecimento de seus pais. A convocação exigia um perfil bem específico, as mulheres deveriam ter entre 18 e 36 anos, com qualquer diploma de enfermagem, serem solteiras, viúvas ou separadas.

Segundo as informações contidas em seu depoimento às pesquisadoras da Casa de Oswaldo Cruz, a enfermeira recém - formada e filha de militar descreve que ao ver a chamada para inscrição no voluntariado para a guerra, decidiu se inscrever sem o conhecimento de seus familiares que, posteriormente acabaram permitindo a sua ida para a guerra. Sobre o motivo da sua inserção no voluntariado, Virgínia afirma:

-Foi uma revolta por eles estarem bombardeando. Eu ouvia falar essa coisa toda, não sabe? Eu disse: ‘Não, eu vou fazer um curso para também ir para essa guerra para cuidar dos militares...’ (...) E eu fiz o primeiro ano, o Samaritana, que era o primeiro ano de Cruz Vermelha, tanto que fazíamos junto com as profissionais, estágio, tudo lá. E eu fiz e nisso saiu no jornal O Globo o voluntariado. E aceitavam até voluntárias socorristas, que era abaixo do curso meu. As voluntárias socorristas eu acho que foram 6 meses, ou 4 meses. Eu fui em casa, apanhei os documentos, não disse a ninguém, me apresentei. Chegou de noite o jornal começou a publicar e dar os nomes, aí começaram a telefonar. (PORTOCARRERO, 2008:12)“

A partir da sua seleção, participou de um Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército, um curso de formação que foi concluído em junho de 1944, colocando à disposição do primeiro Escalão da FEB as 67 enfermeiras aprovadas, além das seis enfermeiras da FAB.

Segundo Joaquim Xavier da Silveira, ex-pracinha da FEB que escreveu seu livro de memórias “A FEB por um soldado”, o corpo de enfermagem era um quadro inexistente no exército e causou uma série problemas no processo de implementação e aceitação, já que o exército nunca havia permitido mulheres em seu contingente antes. (SILVEIRA, 1989:107)

A participação das mulheres em um contexto diferenciado do que era a elas relegado na época representou uma mudança significativa. A historiadora Michelle Perrot que em sua obra “Minha história das mulheres” analisa as mudanças ocorridas na constituição do trabalho exercido pela mulher ao longo do tempo, afirma que:

-“A maioria dos empregos que elas ocupam são marcados pela persistência de um caráter doméstico e feminino: importância do corpo e das aparências; função das

qualidades ditas femininas, dentre as quais as mais importantes são do devotamento, a prestimosidade, o sorriso etc. (PERROT, 2008:123)''

De alguma forma este papel essencialmente feminino se mantém no exercício da profissão de enfermagem. Em seu diário de Guerra, Virgínia muitas vezes relatou a atuação "materna" que tinha com seus doentes e a estima que esses tinham por ela, como fica evidente em cartas que os mesmos remetiam à enfermeira elogiando sua atenção e carinho.

Sobre o seu trabalho da mulher na Guerra, Virgínia afirma em seu diário que:

- ``As páginas da nossa história do Brasil, são ricas de exemplos de bravura da mulher brasileira, como Ana Nery, Maria Quitéria, Ludovina Portocarrero, Joana Angélica e tantas quantas pretendermos citar para nosso orgulho. Certo, que não seria a nossa geração que haveria de empanar o augusto exemplo de amor ao próximo que elas nos legaram no Campos de Batalha, nas lutas pela independência e nos bravios sertões de Mato Grosso. E nós, teríamos de ser, como fomos, as continuadoras desse renome cívico, da mulher brasileira, que é adorável no lar, é mãe extremosa, sem perder um só instante de amor pátrio, pelo qual enfrenta qualquer sacrifício. (PORTOCARRERO, Diário de Guerra, p.214).''

A história militar de Virgínia e a influência exercida sobre a escolha de sua atuação profissional foi decisiva. Formada em um curso de arte decorativa, Virgínia não exitou em realizar o curso de enfermagem, única maneira de ingressar na carreira militar em um momento onde a mesma era fechada às mulheres.

Em mais um trecho de sua entrevista, quando a entrevistadora pergunta sobre o Colégio Pedro II e sua facilidade com o desenho, mencionando que o pai de Virgínia queria que ela fosse engenheira, mais uma vez a depoente revela a vontade de ser militar:

-Pois é. Eu queria ser militar, eu queria ser homem, ser militar, porque o fulano disse que era homem militar, os meninos, e não havia Colégio Militar para menina. O Colégio Militar era só para homens, então eu fui para o Pedro II, não é? Mas a minha vontade era ser homem e militar... (PORTOCARRERO, 2008:9)''

Torna-se claro ao longo da análise realizada nas falas de Virgínia no diário e nas entrevistas, uma oscilação entre uma afirmação do papel feminino tradicional à época e de uma reivindicação, ainda que sutil, por uma extensão desse papel. No trecho transcrito acima, ela não afirma que queria ser militar apenas, mas que gostaria de ser "homem e militar", o que demonstra a aceitação do discurso social e da tradição de que só homens poderiam pertencer ao mundo militar. Porém, a indignação com a falta de reconhecimento da participação das mulheres também se faz presente:

- ``(...) doze anos depois da FEB ter regressado, a injustiça foi reparada: as enfermeiras que desejaram foram designadas para o exército no posto de segundo tenente, sendo promovidas mais tarde a primeiro tenente, trabalhando nos estabelecimentos hospitalares da organização. Hoje na reserva, algumas nos postos de tenente e capitão gozam do

merecido reconhecimento pelos serviços prestados. Foram 12 anos de luta para vencer os entraves burocráticos e superar a incompreensão daqueles que não viam com bons olhos elementos femininos participarem do contingente do exército. As enfermeiras venceram mais essa batalha”.(PORTOCARRERO, Diário de Guerra)´´

O trecho transcrito acima pertence a obra de Joaquim Xavier da Silveira (SILVEIRA,1989,p. 109) , citado também em muitas partes do diário de guerra de Virginia , demonstra uma visão igualitária dos dois .



Figura 6: VIRGINIA PORTOCARRERO

Fonte: Base Arch

Por meio desta jornada inigualável de Virgínia Portocarrero , mostra que profissão de enfermagem estava na margem restrita de possibilidades de atuação da mulher no ambiente urbano, ao lado de “donas do lar” e algumas poucas profissões como vendedoras em comércio sendo este, muitas vezes, ligados à família. Mas o contexto de guerra transportou essa enfermagem exercida em ambiente “seguro” moral e fisicamente, as vistas de pais e maridos, a um ambiente instável e complexo de guerra, no qual a moral das mesmas foi questionada por muitos da sociedade. Nesse contexto, a atuação das enfermeiras e a posterior reivindicação por espaço nas forças armadas abriu precedente na história da participação da mulher no exército brasileiro, o que justifica a relevância do estudo de tal trajetória.

PSICOLOGIA DO CÉREBRO FEMININO

No estudo conduzido pela terapeuta Miguelita e pela enfermeira Marleide, surge uma perspectiva fascinante sobre a força mental inerente ao cérebro feminino. A frase “o homem tem a força física e a mulher a força mental” ganha destaque como reflexão sobre as capacidades únicas que as mulheres demonstram ao enfrentar pressões e desafios.

A Complexidade do Cérebro Feminino

Miguelita, especialista em terapia cognitiva, e Marleide, com vasta experiência na enfermagem, exploram a complexidade do cérebro feminino. O estudo aponta para a capacidade intrínseca das mulheres de lidar com pressões por meio de uma combinação única de empatia, intuição e resiliência emocional.

A Força Sob Pressão

Ao analisar situações de pressão, Miguelita e Marleide identificam que a força mental feminina não apenas permite a gestão do estresse, mas também promove a capacidade de tomar decisões ponderadas em momentos críticos. Essa habilidade é destacada como uma ferramenta valiosa em profissões como a enfermagem, onde a pressão é constante.

Empatia como Ferramenta de Resiliência

O estudo ressalta a empatia como um componente-chave da força mental feminina. Marleide, ao longo de sua carreira como enfermeira, destaca a capacidade das mulheres de se conectar emocionalmente com pacientes e colegas, criando redes de apoio que fortalecem sua resiliência diante das adversidades.

Intuição como Guia Precioso

Miguelita e Marleide também exploram a intuição como uma força motivadora nas decisões femininas sob pressão. A capacidade de captar nuances e ler entre as linhas torna as mulheres particularmente adeptas a antecipar desafios, contribuindo para soluções eficazes em situações complexas.

Desmistificando Estereótipos

Ao desmistificar estereótipos, o estudo de Miguelita e Marleide oferece uma visão esclarecedora sobre as contribuições singulares das mulheres em ambientes desafiadores. A frase citada destaca a importância de reconhecer e valorizar a força mental feminina, destacando que ela não só complementa, mas muitas vezes supera a força física masculina em contextos específicos.

Aplicação na Profissão e na Sociedade

O estudo sugere que compreender e aplicar a força mental feminina não apenas beneficia as mulheres individualmente, mas também enriquece a dinâmica de equipes e o funcionamento de sociedades. Em campos como a enfermagem, a habilidade de agir com determinação e calma sob pressão torna as mulheres líderes naturais.

Miguelita e Marleide proporcionam uma visão enriquecedora sobre o cérebro feminino, enfatizando a força mental como uma qualidade distintiva. O estudo destaca não apenas as capacidades únicas das mulheres, mas também sublinha a necessidade de reconhecimento e valorização da força mental feminina em diversos aspectos da vida e da sociedade.

CARREIRA MILITAR FEMININA NA ATUALIDADE

Na contemporaneidade, a carreira militar em enfermagem para mulheres é marcada por notáveis avanços e desafios superados. A história do Sargento Navarro personifica a resiliência e a dedicação enfrentadas por muitas enfermeiras militares, enquanto desbrava um caminho antes predominantemente masculino.

O Sargento Navarro ingressou nas fileiras da enfermagem militar com a determinação de servir sua nação e cuidar daqueles que protegem a liberdade. Sua escolha não foi isenta de desafios, pois a tradicional presença masculina nas forças armadas impunha barreiras que precisavam ser superadas.

Nos primeiros anos de sua carreira, a Sargento Navarro enfrentou o desafio de ser uma das poucas mulheres em uma unidade militar predominantemente masculina aceitos na ares . A necessidade de provar sua competência profissional e física era constante, e ela se destacou não apenas como enfermeira, mas como uma líder resiliente, como ela mesma disse:

-` (...) O desânimo é grande quando vemos uma fila de mais de 400 meninas jovens que você sabe que são esforçadas e às vezes até melhores que você , competindo por apenas 40 vagas ... quando caiu a ficha de que eu tinha passado , eu notei que o esforço que eu já havia feito até aquele momento , dali para frente , teria que ser 1000 vezes melhor.

Quando você se vê em um local onde a margem de homens é muito maior do que a de mulheres, você se sente na obrigação de provar que é melhor...e foi o que eu fiz!” (SARGENTA NAVARRO, via conversa pessoal)´´

Infelizmente, a Sargento Navarro não escapou de preconceitos baseados em estereótipos de gênero. As dúvidas sobre sua capacidade de desempenhar funções essenciais eram obstáculos que ela enfrentava regularmente. No entanto, sua habilidade, conhecimento e compaixão na prestação de cuidados de saúde foram gradualmente conquistando o respeito de seus colegas.

Ao longo dos anos, a Sargento Navarro conquistou posições de destaque na enfermagem militar. Seu trabalho exemplar em situações de emergência e sua liderança eficiente tornaram-na uma referência para outras enfermeiras que aspiram seguir carreiras militares. O reconhecimento por seu mérito profissional contribuiu para transformar percepções equivocadas.

A Sargento Navarro testemunhou a evolução nas políticas de igualdade de gênero nas forças armadas, promovendo um ambiente mais inclusivo. As mudanças gradualmente implementadas abriram portas para mais mulheres na enfermagem militar, solidificando um legado de pioneirismo.

A trajetória do Sargento Navarro na enfermagem militar reflete não apenas a superação de desafios pessoais, mas também a transformação contínua de paradigmas de gênero nas instituições militares. Sua dedicação e competência são um tributo à capacidade das mulheres de se destacarem e liderarem em ambientes desafiadores, consolidando a presença feminina na vanguarda da saúde militar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos estudos realizados neste trabalho, que explora a vida de Virgínia Portocarrero, juntamente com as análises psicológicas conduzidas por Marleide e Miguelita, é possível identificar uma nova perspectiva em relação às mulheres enfermeiras em contextos de guerra. Essa análise abrange tanto o período histórico de 1942 quanto a atualidade, destacando uma mudança gradual nas percepções e no papel dessas mulheres.

Apesar de frequentemente não receberem o devido reconhecimento, às enfermeiras militares demonstram uma notável força de vontade na busca por mudanças. O estudo psicológico conduzido por Marleide e Miguelita ressalta não apenas as habilidades técnicas desses profissionais, mas também sua resiliência emocional e comprometimento diante das adversidades.

Comparando a narrativa histórica com a realidade atual, como mostra a história do Sargento Navarro, nota-se uma evolução na compreensão do papel da mulher enfermeira na guerra. Mesmo após mais de duas décadas, os jovens continuam a despertar o desejo de redefinir a história das enfermeiras militares, buscando uma valorização adequada e um reconhecimento justo.

Essa busca por mudança reflete não apenas a persistência das enfermeiras militares, mas também a evolução da sociedade em reconhecer e valorizar as contribuições únicas dessas mulheres. O ciclo contínuo de jovens inspiradas a transformar o cenário destaca a importância de construir uma narrativa mais justa e igualitária para as mulheres que escolhem servir nas forças armadas como enfermeiras.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. Paris, 1986. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

CYTRYNOWICZ, R.: 'A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial'. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, VII(1): 73-91, mar.-jun. 2000.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. 1989. In: AMADO, J.; FERREIRA, M.M. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996.

NEVES, Luis Felipe da Silva. A Força Expedicionária Brasileira: uma perspectiva histórica. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1992.

NORA, Pierre. "Entre memória e história. A problemática dos lugares." In: Trabalho História. Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, 1981.

OLIVEIRA, A B. Signos do esquecimento: os efeitos simbólicos da participação das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial (1943-1945) [dissertação]. Rio de Janeiro (RJ): Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Enfermagem Anna Nery; 2007.

PORTOCARRERO, Virgínia Maria Niemeyer. Comando Militar do Leste. Rio de Janeiro. 13 de dezembro de 2001. Entrevista concedida à Margarida Maria Rocha Bernardes.

PORTOCARRERO, Virgínia Maria Niemeyer. FIOCRUZ. Rio de Janeiro. 14 de maio. 2008. Entrevista concedida à Anna Beatriz de Sá Almeida, Laurinda Rosa Maciel e Margarida Maria Rocha Bernardes. Acervo da Casa de Oswaldo Cruz. Fundo: Virgínia Portocarrero.

SILVEIRA, Joaquim Xavier da. A FEB por um soldado. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1989.